

Edson Antonio Ticianelli

1. Por que escolheu a química?

Não foi uma escolha muito romântica. Sou natural de Bariri, terminei o colégio em Jaú, em seguida fui fazer um cursinho em São Paulo. Eu sempre me interessei por exatas e era o que eu tinha em mente. Se tivesse tido oportunidade, minha primeira escolha teria sido Engenharia Química. Como eu tinha que trabalhar e estudar, não consegui superar a concorrência do vestibular. Nessa época, você não tinha que escolher a carreira já como é hoje em dia. Fiz um vestibular chamado Mapofei, que incluía a USP, e aí a gente escolhia uma sequência de carreiras. Então eu comecei com engenharia, passei para química, depois eu fui para física, depois para matemática. Você recebia uma nota, e quando chegava sua nota na classificação geral eles iam ver se havia vaga começando de cima e por isso eu parei na Química. Minha aprovação foi suficiente para passar na química e minha escolha foi São Carlos, antigo Instituto de Física e Química de São Carlos. Definitivamente, entre física, matemática e química, eu preferia química. Mas entre física e engenharia, se eu tivesse passado, teria feito engenharia. Não me sinto nem diminuído, nem exultante por essa dificuldade inicial. Me enquadrei muito bem, entrei no curso de química, gostei do que estava fazendo e a partir daí estava certo: a química seria meu futuro!

2. Qual foi a sua trajetória?

Eu diria o seguinte, eu divido o percurso em função da carreira. Primeiro acadêmica, os cursos da formação acadêmica que fui seguindo. Depois eu faço um paralelo com minha carreira como professor. Comecei com bacharelado em química, me formei em 1976, e diretamente já me matriculei no curso de mestrado em físico-química, que já existia na época no instituto. Demorei 3 anos, que era uma duração normal na época, não tinha essa pressão de agora de terminar a toque de caixa. Terminei o mestrado, já fui para o doutorado em físico-química, na área de eletroquímica, pois já havia sido bolsista FAPESP de iniciação científica na graduação em meu terceiro e quarto ano. Optei por eletroquímica desde o meu terceiro ano e segui adiante até o doutorado. Aí, em 1985, quando terminei o doutorado, fui fazer pós-doutorado, em Los Alamos (Novo México) nos EUA, no Los Alamos National Laboratory, um laboratório público do governo americano,

onde foram feitas as bombas de Hiroshima e Nagasaki. Havia algumas restrições políticas, a gente tinha que fazer uma ficha cadastral para ver se não era comunista, pois ainda havia desenvolvimento bélico, mas fui trabalhar com eletroquímica. Então, fiz esse primeiro pós-doutorado, 10 anos depois fiz outro pós-doutorado nos EUA, em outro laboratório nacional chamado Brookhaven National Laboratory localizado no estado de Nova York, em Long Island, também na área de eletroquímica. Após o término de meu doutorado, comecei a trabalhar com conversão eletroquímica de energia, que é algo que acontece em pilhas e baterias. A área a que me dediquei foi a da conversão de energia em um sistema chamado célula a combustível. Agora, do ponto de vista profissional, como professor, comecei no início do meu mestrado em outubro de 1977; naquela época era professor auxiliar de ensino, em regime de dedicação parcial, parte do tempo fazia meu mestrado e parte ministrava aulas. Mudei de regime parcial (12 horas semanais de aula), para regime de turno completo (24 horas) e finalmente RDIDP (40 horas de tempo integral). Fiz o concurso de livre docência, isso já por volta de 1990, e então me tornei professor associado e, finalmente, bem mais adiante, por volta de 2000, tornei-me professor titular. No meio do caminho, o Instituto de Física e Química de São Carlos desmembrou-se em Instituto de Química de São Carlos, onde estamos, e Instituto de Física de São Carlos.

3. Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

Eu fui pessoa extremamente engajada profissionalmente. Exercí a minha função cumprindo todas as atribuições em tempo integral na USP. Nunca tive nada por fora em minha carreira, tudo foi feito como professor, pesquisador e no início como aluno da Universidade de São Paulo. Fiz as minhas escolhas de publicação científica, eu acho que eu tive relativo sucesso em minha carreira profissional e ganhei prêmios como reconhecimento disso. Sou membro hoje da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, sou membro da Academia Brasileira de Ciências e também sou membro da TWE (Transworld Education Academy of Science). Então, falo assim, eu tenho uma carreira que teve sim um impacto nacional e internacional, e acho que isso dá valor à instituição a qual a gente pertence. E do ponto de vista administrativo, participei de várias comissões regimentais, fui membro da comissão de graduação, membro da comissão de pesquisa, da comissão de pós-graduação, sendo presidente de ambas, fui chefe do departamento de físico-química por quatro anos e fui diretor do Instituto de 2006 a 2010.

4. Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

Eu era um cara de cidade do interior, que não fazia ideia do que era seguir carreira acadêmica. Então, quando eu entrei para fazer graduação na década de 1970, ainda não tinha essa tradição de ciências. Fui fazer graduação pensando que em arrumar emprego. Aí quando eu tinha por volta dos meus 20 anos, tive a possibilidade de estudar e conversar com vários professores, porque o instituto era muito pequeno. Na época, de um total de 15 professores mais ou menos, havia uns 6 professores estrangeiros, vindos da Europa basicamente, nascidos lá ou argentinos que trabalhavam na Europa, como o professor Ernesto González, que faleceu recentemente, entre outros. Quando eles vieram para cá, trouxeram uma mentalidade de ciências, de carreira acadêmica, de desenvolvimento do trabalho científico. E foi com este espírito que comecei a fazer iniciação científica e a me interessar pela pesquisa. Esses professores que eu tive eram exemplos que segui e, mais do que isso, nos orientavam com conselhos. Quando eu fui fazer meu primeiro pós-doc, foi o professor Ernesto González quem muito me ajudou, não só estimulando a trabalhar no exterior, como também orientando em que linhas de pesquisa deveria seguir na época, para realizar um trabalho cientificamente de valor. Nós nunca tivemos um clima universitário 100 % fraterno, mas as desavenças eram suficientemente suportáveis de forma que os estímulos eram muito maiores do que os desencorajamentos. Sempre obtive financiamento para minhas pesquisas; aí você tem que desenvolver indicadores de produtividade, porque o rendimento, para poder financiar pesquisa é baseado no seu histórico. Então se não tem bons indicadores de produtividade, não obtém sucesso, nem financiamento. É um ciclo vicioso, se você não tem financiamento não tem como fazer pesquisa. E assim já se passaram os 43 anos como professor da USP.

5. Como você se imagina fora do IQSC?

Não irei arrumar mais outro emprego. E nesse momento, eu só quero diminuir o ritmo. Por exemplo, eu posso me aposentar e conseguir permissão de uso no instituto, podendo continuar fazendo minhas pesquisas, mas com algumas restrições, como não poder mais dar aula na graduação. Pretendo continuar na universidade, até que a cabeça comece a cansar. Não quero me desvincular do instituto, quero continuar atuando em minhas pesquisas e na pós-graduação. Minha

ideia não é outra senão de continuar, com ritmo menor, a cumprir minhas atividades de ensino e pesquisa.

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEX), no dia 16 de outubro de 2020, às 14h.